

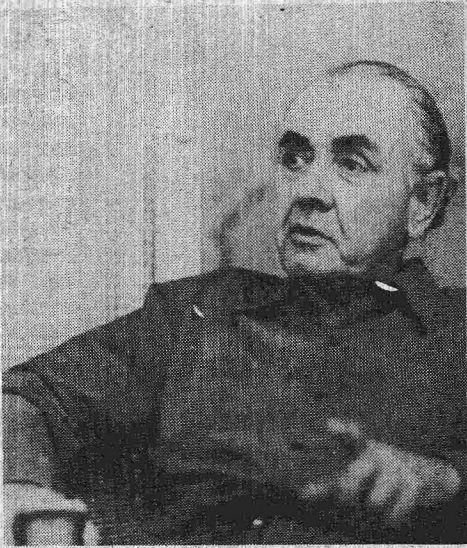
Ao pé do ouvido polemiza-se a célebre questão da arte brasileira. O **Jornal de Brasília** resolveu abrir espaço para ampliar a discussão, e mostrar o que os nossos artistas pensam a respeito do tema. Quanto ao público, é sabido que grande parte dele rejeita as produções locais por considerá-las provincianas, e dá o seu aval ao que é produzido no eixo Rio/São Paulo — “o pólo cultural do País”. Tomando essa premissa como base, obtivemos posicionamentos diferenciados dentro da classe artística. Sendo que, apesar de pessoais, os depoimentos carregam em si, vários pontos em comum, tais como, a postura do empresariado, do público, dos meios de comunicação de massa, do novo e da recriação da arte. Curioso também, é o fato de que, quando a peça **Crêpe Suzette** I excursionou pelo Rio de Janeiro, o grupo brasileiro anunciava sua partida da Capital da República para o interior do País. Leitores, é chegada a sua vez de opinar, valendo conferir antes o que vai pela cabeça dos que trabalham com a tão questionada arte do Distrito Federal. O que é real? O que é estereótipo? E o que é preconceito?

Mônica Silva da Silveira

Carlos Menandro



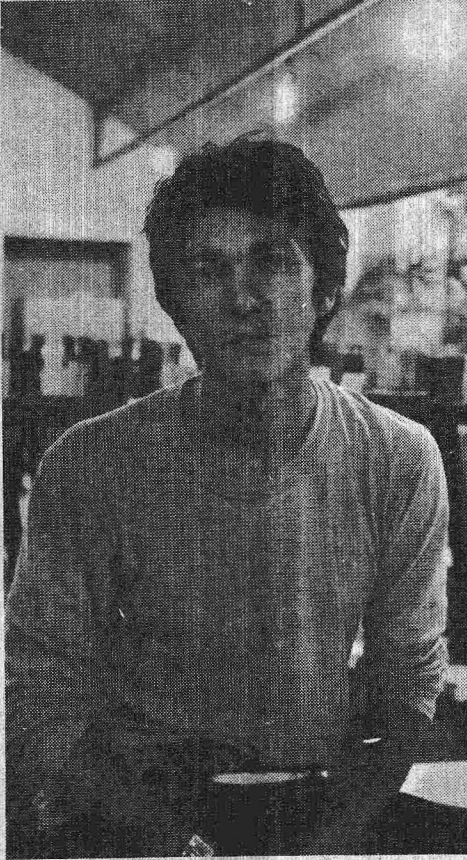
Rio, pois lá se trabalha com modelos antigos, e outras realidades. O problema aqui é da classe empresarial, que está acostumada a botar verba no que tem sucesso garantido, no que já existe. Quem quer abre espaço, e é pioneiro, e a aparente lentidão de cidade, se traduz em uma espera para o grande momento de reconhecimento. Esta Capital é gênio, e vai explodir!”



Athos Bulcão 68 anos, artista plástico: “A mim parece que o eixo Rio/São Paulo ser considerado como o pólo cultural brasileiro, é mais um problema de mercado de arte, pois as grandes galerias e o público comprador, lá se localizam. Contudo, do ponto de vista cultural, há um deslocamento em termos de criação. Olinda, Porto Alegre, Salvador, Mato Grosso e Goiânia, por exemplo, possuem grandes nomes nas artes plásticas. Eu, particularmente, gosto muito de trabalhar em Brasília, que é um lugar onde há muita calma para se refletir, porém mantenho vínculos com o chamado eixo, pois tenho um contrato com uma galeria no Rio de Janeiro, que me garante uma boa divulgação dos meus trabalhos — isso é importante. Também não me considero um artista brasileiro, apesar do grande vínculo e obras que possuo na cidade. Eu, aqui cheguei aos 40 anos, já vim com a “bilha carregada”, e considero natural o provincianismo reinante, partindo do pressuposto de que uma cidade que tem apenas 26 anos de idade, 20 dos quais passados sob a égide do regime militar, não poderia ter se expandido de forma favorável, naquilo que lhe era castrado. Todavia, está havendo uma grande modificação no panorama atual. Temos jovens e talentosos pintores e artistas plásticos, e eu os aconselho a fazerem uma temporada fora daqui, para que tenham contato com outros universos, pois cultura se faz a partir de intercâmbios, e é preciso ter cuidado para não pensar que o mundo se resume ao espaço de 60 x 200 km — o quadrilátero brasileiro.

muda-se tudo o mais. A imprensa também não colabora e sem generalizar, temos jornais provincianos, por termos editores e profissionais de cabeça tacanha e provinciana. Não há uma seleção do que vai ser veiculado, e os comprometimentos são nitidos e evidentes. Não há um comprometimento com uma estética brasileira, com a renovação. Os modelos antigos se repetem, e temos a pior imprensa do País, incluindo a escrita, falada e televisada, que precisam se unir para fortalecer sua proposta de trabalho, e deixar de ser superficial e sem profundidade. Se Goiânia, vista como roça, por parte dos brasileiros, valoriza seus artistas, por que não Brasília fazer o mesmo? Precisamos repartir as responsabilidades, para que haja um amadurecimento da questão, visto que temos produções do melhor nível de qualidade”.

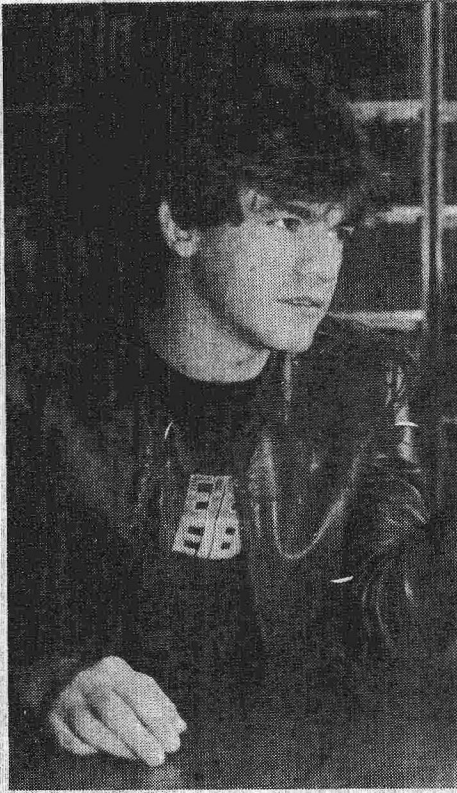
Carlos Menandro



Hugo Rodas 47 anos, ator, coreógrafo, bailarino, figurinista, diretor, cenógrafo, professor de piano e protético dentário; “O problema do teatro é de escala de valores, e depende de como você trabalha a emoção. Certa vez um crítico que não conhecia o personagem encenado, escreveu maravilhas — é uma questão de energias, de afinidades.

que as coisas sejam por aqui, ainda é mais fácil do que lá. E Brasília é o lugar onde o meu trabalho mais se aproximou dos meus sonhos”.

J. França



Ademir Miranda; 31 anos, ator e professor; “Eu já tive oportunidade de ir para o Rio, com toda aquela coisa de que você é um grande ator. Só que eu vejo que as coisas não acontecem como a gente pretende, e creio haver outros interesses nessa história. Eu lá desembarquei, com 18 anos e uma cabeça provinciana. Pintou a oportunidade e eu fui. Cedo descobri que poderia realizar o meu trabalho onde quer que estivesse. Optei por Brasília, e não descarto o fascínio que há em ser ator do eixo Rio/São Paulo. Essas coisas passam pela cabeça de todo mundo, mas na não existe mais. É lógico que eu gostaria de ter um contrato milionário, quem não gostaria? Mas eu faço o meu trabalho como e onde quero, podendo me dar ao luxo de dizer que sou um ator realizado. Brasília carece de bons atores e bons espetáculos, e eu quero estar aqui para dar minha parcela de contribuição. Quanto ao problema do preconceito com atores da cidade, eu penso que a questão é real, e não mera ideia preconcebida. O que há de pior

desejo for sobreviver a partir da música. Aqui na cidade pouca gente sabe da existência da sinfônica, e o novo, produzido por nós só é reconhecido depois que o eixo Rio e São Paulo resolve noticiar, como produção originária deles. Um episódio interessante aconteceu em 1982, quando apresentávamos, no Bar Amigos, um trio de piano, violoncelo e flauta, com um repertório clássico. O sucesso era grande, mas nada foi veiculado pela imprensa brasileira. Já em 1984, a Folha de São Paulo noticia a grande novidade; um grupo paulista, muito original, circulava pelos bares, levando a música clássica ao público, com enorme sucesso — foi notícia”.

Carlos Menandro

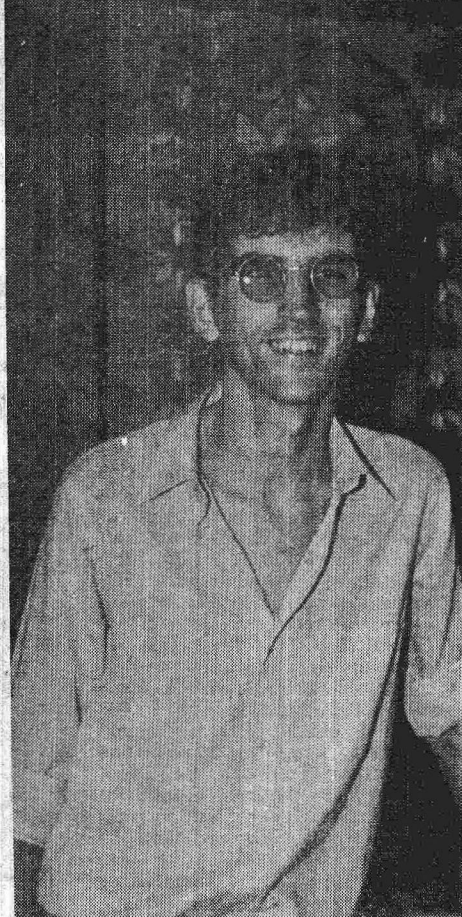


Dora Wainer — 28 anos, atriz e bibliotecária: “Tenho um grande amor pela cidade, onde moro desde o ano de 1960. E creio que Brasília tem um bom potencial entre atores e técnicos. O que falta é o público acreditar na cidade, bem como os empresários. Não tem sentido você sair de Brasília,

Artista de província

apresentar-se nos palcos do Rio e São Paulo, para finalmente fazer sucesso na própria terra. Aqui o público paga Cz\$ 120,00 por qualquer peça de fora, e se recusa a pagar Cz\$ 50,00 por boas produções locais. Os valores estão aí, basta que se acredite neles”.

Carlos Menandro

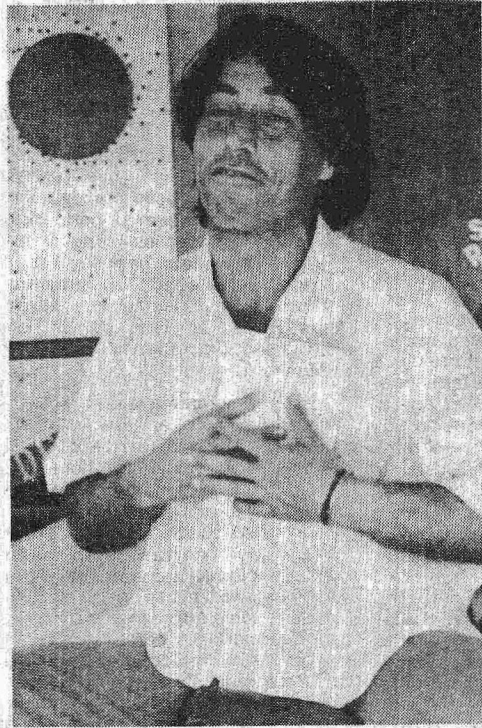


Marcos Bagno — 25 anos, ator, professor e tradutor: “A vantagem que você tem em Brasília é a liberdade de criação. Aqui não se tem vínculo com modismos, o que propicia a busca de novas formas em termos de arte. Entretanto, como desvantagem, eu vejo que os artistas brasileiros inovam, criam algo diferente, mas que só vai aparecer depois de ter sido referendado e virado moda nos grandes centros. “Crêpe Suzette II, por exemplo, uma criação típica brasileira, encenada, em 1982, era o próprio teatro do besteiro, besteiro este que só tomou forma nacional, após ter sido “inventado” no Rio de Janeiro em 1984. Eu, pessoalmente, estou inserido na realidade de Brasília, pois fui criado aqui, estudei, formei vínculos, e creio que a cidade tem o seu próprio espírito de criação”.

Carlos Menandro



Brasília é uma cidade que passou muito tempo sem reconhecimento de sua arte. Contudo, apesar de seus gritos, nunca aconteceu como êxito. Temos exceções, como as peças “João e Maria”, “Vidas Erradas” e Os Saltimbancos”, contudo o êxito alcançado pelo que chega de fora,



independente de qualidade, nunca foi superado. “É a imagem vendida através dos meios de informação. Em relação ao eixo Rio/São Paulo, eu posso afirmar que se deve confiar no trabalho de Brasília, pois lá a mediocridade reinante é extremamente igual. Sair é fantástico, porque você percebe onde está o universo de informação, você vê tudo, e percebe que os brasileiros não ficam atrás, em termos do que é bom. Meu trabalho se enraizou muito neste lugar, e considero que determinadas pessoas vêm para cá por ter algo a ver com este espaço. E por mais difícil

Tânia Quaresma 36 anos, cineasta: “Brasília é melhor, exatamente pelo seu lado positivo de província. Uma sociedade nova tem espaço para criar o novo, e colocar em prática a crença nos sonhos — ainda que alguns a vejam como pesadelo. O espaço das primeiras vezes aqui é real, está no ar da cidade. Eu trabalho aqui porque escolhi — depois de já ter morado e trabalhado no Rio, São Paulo e Berlim — optei, pois constatei que não existe nenhum lugar do mundo onde eu gostaria de morar. Aqui há uma mistura de fogo de lenha com computador. Brasília se instiga o tempo inteiro, e as diferenças são gritantes, com cortes bruscos. A Vila do Paranoá, por exemplo, ostenta quadros surrealistas em seus barracos. O quadro é simplesmente a janela, que mostra o Plano Piloto. A cidade tem pouco tempo de existência, e como não houve tempo A cidade tem pouco tempo de existência, e como não houve tempo para cristalizações, há clima e espaço para transformações. A partir do meu trabalho sobre a história da construção de Brasília, a paixão aumentou. Eu gosto de fazer filmes e vídeos, e aqui temos geograficamente um ponto equidistante, que tem condições de se espalhar e apostar no amanhã. Pode-se, dentro da realidade, criar outras realidades, outro mundo. Outro fator importante é a desmistificação do poder, exatamente pela sua proximidade. Não há como comparar Brasília com São Paulo ou

Wagner Hermuche 3 anos, artista plástico: “Primeiramente, eu não me considero um artista de província. Esse papo é longo e emocionante... Brasília passou um tempo em que os profissionais da arte estiveram em fase de maturação, e à mercê da flutuação política, que se utiliza de todos os meios para conseguir seus fins. Mesmo as pessoas ligadas à administração da cultura não escapam à essa classificação, pois a vaidade e os trampolins são usados de maneira grotesca, mesmo na época atual. O monopólio da produção artística de Brasília é a política, e não se tem para onde correr, como no Rio e em São Paulo, onde a iniciativa privada participados investimentos. No mundo de hoje, arte e economia tem que andar de mãos dadas. Em relação ao Rio de Janeiro, você pode constatar que seu provincianismo continua o mesmo, desde o descobrimento do Brasil. Se por um lado é considerado como centro da aristocracia, e da nobreza cultural brasileira, pode, em relação aos países estrangeiros ser considerado como uma prostituta, pois veicula um Brasil explorado em todos os sentidos. Os meios de comunicação de massa continuam a vender a imagem de colônia, ao ponto de fabricar um imbecil e apresentá-lo como herói — o Araken. Sem se falar da exploração das mulatas e malandros. São Paulo já é mais original, por ser uma cidade operária, centro da produção industrial do País. Lá o mercado da arte é mais profissional, e tem que haver um lucro. Rio é festa, São Paulo trabalho e Brasília a instituição do governo — sempre. Aqui, a partir da mudança de um assessor ou diretor,